

PHILIPS

Healthcare IT

ANO 8 - Nº 21 - 2019

Distribuição Gratuita - Venda Proibida

Edição Especial

CONNECT DAY

Saúde sem limites - Connect Care



PHILIPS

Tasy

**Sua instituição cuida
da saúde de pessoas.
Tasy cuida da saúde
da sua instituição.**

A prevenção e a desospitalização tem impacto significativo nas finanças das instituições de saúde. Atualmente a atenção no cuidado contínuo do paciente e na gestão populacional tem levado a novos níveis de qualidade na saúde corporativa.

Com Tasy, sua instituição pode desenvolver foco total no paciente, assegurando a continuidade da informação em todos os níveis, desde a medicina preventiva e atenção primária e integrando informações com confiabilidade, sigilo e continuidade para prestar um atendimento de mais qualidade com racionalização dos recursos envolvidos.

Bom para a saúde do paciente. Bom para a saúde do seu negócio.

inovação ✨ você



Giselle G. Olimpio
Analista de Comunicação e Marketing

Índice

4 Acontece na **Philips**

6 Visão do **MERCADO**

22 **ESPECIAL** de Capa

26 TI na **SAÚDE**

28 **INOVAÇÃO**

Prezado leitor,

Um ótimo gatilho para alavancar inovações no setor da saúde é reconhecer quais são as boas práticas deste mercado.

Foi pensando nisso que a Philips criou o evento Connect Day. Dois dias de integração em que os clientes da Philips têm a oportunidade de ouvir quais são as novidades da empresa e seu roadmap de investimentos futuros, os clientes compartilham melhoras práticas e conversam entre si sobre tendências do setor e a utilização das soluções da Philips.

Do outro lado, também trazendo um leque de soluções diferenciadas os parceiros e patrocinadores do evento conectam-se com os participantes para trocar experiências que realmente importam ao negócio da saúde.

Nesta edição da revista Healthcare IT você encontrará muitos artigos dos patrocinadores do Connect Day 2018 com temas como inteligência artificial, Lei de proteção de dados, certificados digitais, BI entre outros.

Pensando em levantar o tema Connect Care o especial de capa aborda o assunto do cuidado contínuo do paciente e como a Philips atende às necessidades dos clientes com soluções integradas.

Finalizamos o conteúdo da revista com o tema de detecção precoce de sepse. A enfermeira e analista de negócios da Philips Mariane Mayer e a BP – A Beneficência Portuguesa de São Paulo falam como um hospital pode utilizar a tecnologia em favor da diminuição de pacientes com sepse grave.

Desejamos a todos uma excelente leitura.

Expediente

A revista Healthcare IT é uma publicação da Philips destinada ao mercado da saúde. Sua distribuição é gratuita. O conteúdo dos artigos é de responsabilidade de seus respectivos autores e não corresponde, necessariamente, à opinião da empresa. **Editora:** Giselle G. Olimpio, **Marketing Leader:** Beatriz Weltmann Hutzler Artel, **Capa e Diagramação:** PRO Comunicação • Rafael Gammaro.



Philips Connect Day 2018

Evento reuniu parceiros, clientes e profissionais

O **Connect Day** que aconteceu nos dias **23 e 24 de outubro 2018**, em São Paulo, reuniu **mais de 790** clientes. Durante os dois dias de evento, profissionais, organizações e empresas protagonistas trocaram experiências e debateram assuntos de relevância estratégica para o negócio da Saúde, fortalecendo o conhecimento e contribuindo para a disseminação dos benefícios da digitalização e da conectividade no ambiente hospitalar.

Philips Connect Day 2018 – 23 e 24 Outubro Saúde sem limites – Connect Care

793 participantes



14 horas de palestras/painéis



14 horas de networking

+32%

2018	793 participantes
2017	600 participantes
2016	400 participantes
2015	231 participantes
2014	251 participantes

17 patrocinadores

22 Palestras e Painéis:

Palestra magna - Amyr Klink



- ROI
- Privacidade
- Cloud
- Desafios de TI em LatAm
- The Precision Medicine and Genomics
- HIMSS
- Estratégia de fusões e aquisições
- EMR & Big Data Analytics
- Change Management na adoção de ferramentas clínicas
- O CIO do futuro e a Transformação Digital
- Gestão em Saúde Populacional

in Campanhas digitais no **LinkedIN**

Postagens orgânicas

18 posts | **76.740** impressões

Postagem com investimento

177.434 | **53.590**
LinkAd / impressões | Vídeo / impressões

307.764
Pessoas impactadas



1.243
Total Engagements



882
Post Likes



311
Post Shares



25 Publicações em veículos de **TI e Saúde**



- E-Health Reporter
- MTI Tecnologia
- Portal Hospitais Brasil
- Revista Hosp
- Maxpress
- Revista Fator Brasil
- Inforchannel
- Valor Agregado
- Saúde Business
- Crypto ID
- Certisign Explica
- E-Health Reporter
- Fórum Saúde Digital
- Jornal A União – printed
- E-Health Reporter
- Tesouro invest
- Blog Porta 23 – UOL
- Jornal Empresas e Negócios (online)
- Canaltech
- Abemd
- MSN
- Jornal Empresas e Negócios (impresso)
- Blog do Moreira
- Carlos Trentini

4.353.124
pessoas impactadas



Post com maior engajamento



Engagements

389

Post Shares

35

345

Post Likes and Reaction

7.400

Impressões



Hands ON

Participação de **8 radiologistas**



16 Campanhas de E-mail Marketing



E-mail com maior Click Rate
Open Rate **39,8%** Click Rate **11,8%**

Open Rate
Ideal 20%

24,7
média

Click Rate
Ideal 2,0

3,5
média



Depoimentos Cliente – Santa Casa



“É o primeiro ano que eu participo deste evento. Geralmente em eventos de uma grandeza dessa nós, como participantes e clientes, vamos atrás das pessoas em busca de soluções, para conhecer novas tecnologias, novas funcionalidades e aqui estou me sentindo uma pessoa procurada. Isso mostra a preocupação da Philips no desenvolvimento do negócio em conjunto com os clientes.

Neste evento eu tive a oportunidade de discutir interações de inovação, sair daqui com um escopo de um novo produto ou serviço que a gente pretende implantar dentro da instituição.”

Helmar Emanuel de Almeida
CIO Santa Casa de Porto Alegre

Cliente – Hospital Belo Horizonte

Foi uma honra e uma satisfação enorme ter participado e contribuído para o sucesso do evento.

Foi o primeiro ano que estive no Connect Day e lamento não ter participado nos anos anteriores, uma vez que foi extremamente importante verificar como um dos meus principais parceiros de negócio esta posicionado em relação à **INOVAÇÃO e TRANSFORMAÇÃO**. Foram dois dias de troca das melhores práticas, de forma a proporcionarmos para nossos pacientes e para nossos negócios um alinhamento baseado em entregas de serviços pautados em qualidade, segurança, tecnologia e resultados de excelência.

Ângelo Marcos de Deus
CEO Hospital Belo Horizonte





Investimento em Tecnologia

Informação de qualidade e medicina baseada em evidência

Texto: Denise Basow - CEO da Wolters Kluwer



Foto: Shutterstock

Por mais que já se tenha muito clara a relação entre a experiência do paciente com a qualidade e a tecnologia usadas nas clínicas e hospitais, ainda se debate muito a respeito da importância de se investir em recursos que apoiem e suportem a decisão clínica e os cuidados como um todo. De um lado, a necessidade e a vontade de agregar valor, do outro, a carência de verbas. Isso é ainda mais delicado em países como o Brasil, onde o problema é um dos principais do sistema de saúde, especialmente na esfera pública.

Em 2018, o governo federal destinou apenas 3,6% do seu orçamento a esta área. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), o percentual fica bem abaixo da média mundial que é 11,7%. Esses números colocam o Brasil em uma posição meio desconfortável, mais especificamente, em 49º no ranking dos países mais ineficientes na área de saúde, segundo uma pesquisa da Bloomberg.



Embora as inovações normalmente estejam atreladas a altos valores, você já parou para pensar que não investir pode sair muito mais caro? É sabido que sistemas de saúde que não investem em tecnologia, normalmente demonstram várias ineficiências como, por exemplo, demoras para agendamento de consultas, filas no atendimento e falta de coordenação do cuidado como um todo. Sem falar de problemas como a grande variabilidade do cuidado com o paciente em diferentes regiões do Brasil. O que acaba levando a decisões erradas, testes desnecessários, diagnósticos incorretos, entre outros erros evitáveis que interferem no cuidado clínico e nas decisões tomadas pelos profissionais e até pelo próprio paciente.

Ou seja, os profissionais não têm acesso à informação necessária e à medicina baseada em evidências e, por isso, não combinam essas inovações disponíveis com a experiência que possuem. O mesmo acontece do ponto de vista do engajamento do paciente, que por falta de informação acaba não cumprindo as orientações médicas.

O diferencial está em investir em tecnologias que realmente impactem na qualidade, melhorem a efetividade clínica e ajudem a reduzir desperdícios e variabilidade no cuidado. E não pense que a tecnologia disponível hoje para a cadeia de saúde restringe-se somente a novos medicamentos ou a equipamentos de ponta. Boa parte da solução dos problemas apontados neste artigo pode ser facilmente encontrada no enorme volume de dados integrados sobre pacientes, tratamentos e doenças, disponíveis em âmbito local e global. Com o apoio da medicina baseada em evidências, é possível uma maior padronização, o que pode acabar ou diminuir o problema da variabilidade.

O Brasil ainda engatinha em alguns tópicos no que diz respeito à tecnologia. Mas os hospitais, especialmente os da rede privada, têm buscado participar da elite digital mundial, almejando certificações internacionais. A adoção de algumas tecnologias têm aumentado, como a de prontuários eletrônicos.

Apesar das adversidades e até da crise político-econômica, o país é uma das mais atraentes regiões do mundo para soluções digitais em saúde. Esse grau de demanda assistencial reprimida abre muitas possibilidades para empresas que tenham como missão melhorar a qualidade dos sistemas de saúde. A meu ver, a melhor utilização da tecnologia e da medicina baseada em evidência pode resultar em um melhor cuidado e, consequentemente, melhor experiência para o paciente.

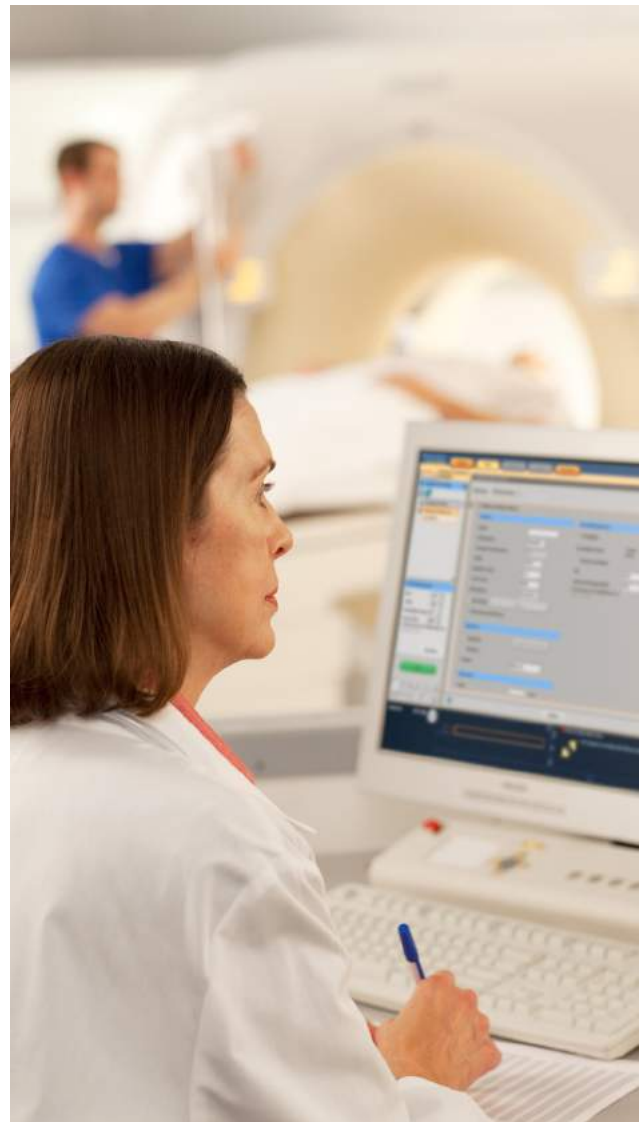


Foto: Banco Philips

SOBRE A AUTORA:

Denise Basow – MD, CEO da Unidade de Negócios de Efetividade Clínica da **Wolters Kluwer**, líder mundial em fornecimento de informações para profissionais e estudantes da área da saúde. Denise iniciou a carreira como médica e passou pelo cargo de Editora-Chefe do UpToDate, até assumir, em 2015, seu papel atual.



Boa experiência do paciente garante a **fidelização de usuários**

Texto: CM Tecnologia

Oferecer uma experiência positiva ao paciente é um diferencial competitivo importante, já que garante a fidelização dos usuários. Quando alguém busca tratamento na instituição, está, muitas vezes, sob uma situação de estresse causada pelo temor das enfermidades. Nessa hora, a humanização do acolhimento pode influenciar até mesmo na resposta dos tratamentos, melhorando índices internos e garantindo a satisfação com o serviço prestado.

A área da saúde é muito delicada e quem trabalha em hospitais, clínicas e laboratórios sabe que o ambiente pode ser muito estressante. A possibilidade de descobrir eventuais problemas de saúde, as contas altas com as quais os pacientes terão de lidar ou resolver junto à provedora e o tempo de espera também não tornam a visita a essas instituições muito agradável aos enfermos.

São as entidades que usam a qualidade como referência para embasar seu trabalho que conseguem otimizar a jornada dos pacientes. Isso evita visitas desnecessárias e frustrações com o acolhimento, que farão mal à imagem da unidade. Neste contexto, cuidados preventivos, sociabilização das relações médico-paciente e o acompanhamento correto são mais do que necessários.

Para colocar tudo isso em prática, deve-se sempre ter como foco o usuário, atendendo suas necessidades e preferências. O primeiro passo é criar uma atmosfera onde toda a equipe preze pela excelência das experiências. Mas, a instituição deve assumir sua responsabilidade frente à prestação dos serviços e oferecer condições para que seus colaboradores possam oferecer o melhor aos pacientes.

Otimizar o tempo de espera e o ambiente são boas estratégias. A pontualidade deve receber atenção em todos os setores da instituição e o telefone precisa ser atendido o mais rápido possível. Traçar metas de tempo de resposta para e-mails, com registros de pendências, agilizar o cadastro e ter um bom sistema de gestão financeira e administrativa são procedimentos simples que farão toda a diferença no dia a dia.

Levando em consideração os avanços tecnológicos, é possível usar diversas inovações a favor do setor da saúde. O prontuário eletrônico é uma delas, que informatiza a ficha dos pacientes de forma segura, tornando o acesso aos dados mais rápido e eficaz. Com isso, não há mais perda de tempo para procurar informações nem o risco de trocas, melhorando também a produção de prognósticos.

Outra solução revolucionária é o agendamento on-line, uma nova possibilidade para que o paciente e a instituição estabeleçam a marcação de consultas e procedimentos





de maneira mais eficiente. O uso da tecnologia da informação na saúde, além de aperfeiçoar a gestão hospitalar, oferece processos simplificados e facilidade de acesso. Com isso, é possível focar em medicina preventiva e aumentar a qualidade do atendimento. Para se ter uma ideia de quanto isso é importante, em 2016, a Accenture, maior empresa de consultoria de gestão do mundo, divulgou uma pesquisa

revelando que 86% dos consumidores migraram para a concorrência por causa de mau atendimento. De acordo com o estudo, as provedoras de saúde sofreram uma queda de 15% por causa disso. Em suma, capacidade e demanda devem andar juntas para assegurar que as pessoas recebam o cuidado efetivo com a melhor experiência possível. A solução gira em torno de oferecer uma comunicação mais amigável

e descomplicada, compartilhar informações importantes, envolver o usuário em seu tratamento e usar a tecnologia para facilitar as rotinas. Os resultados são positivos e facilmente perceptíveis.

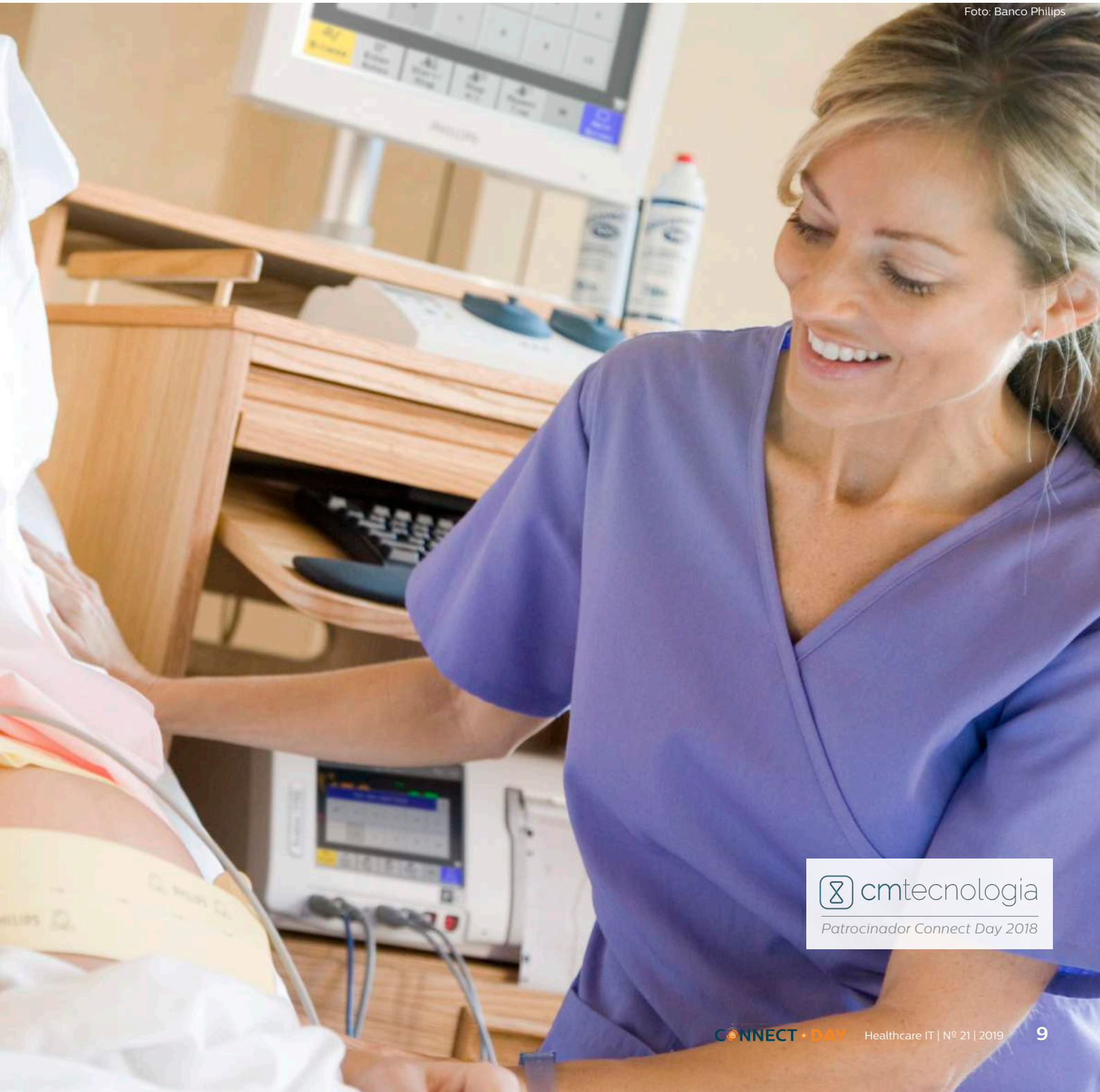


Foto: Banco Philips

 **cmtecnologia**
Patrocinador Connect Day 2018



Digisystem facilita implementação e amplifica benefícios do sistema Tasy

Empresa dá suporte à implementação da solução da Philips e à capacitação dos profissionais

Texto: Digisystem

A disponibilidade e a manutenção de dados estão entre os principais desafios dos profissionais de TI que atuam no setor de saúde devido à alta complexidade e volumetria de informações sensíveis que precisam ser registradas, é importante ter sua segurança garantida e, ao mesmo tempo, acesso fácil para os profissionais de saúde.

Neste contexto, erros que geralmente ocorrem em processos manuais costumam gerar uma série de riscos no atendimento ao paciente e levar a custos extras. Por isso, diante deste cenário, cada vez mais o setor de saúde tem investido em tecnologias que envolvem algoritmos e inteligência para automatizar processos internos. Mas como fazer isso garantindo a melhora de todos os processos em vez de um aumento em sua complexidade?

Além de contar com soluções inovadoras como o sistema de gestão em saúde Tasy, que possibilita uma melhor prática e eficiência no atendimento a pacientes, médicos e administradores por meio da integração de múltiplos dados e diversas plataformas, contar com um parceiro que auxilie a empresa na transformação digital é fundamental para dar mais segurança e agilidade aos processos.

É o caso da Digisystem, empresa brasileira existente há 28 anos, que oferece o Tasy em parceria com a Philips, já tendo implementado a solução em mais de 250 instituições, incluindo hospitais, clínicas e operadoras de planos de saúde, possibilitando a aplicação de melhores práticas e mais eficiência no atendimento por meio da integração de informações de todos os envolvidos no cuidado do paciente em uma mesma plataforma colaborativa.

Com anos de experiência na criação de tecnologias completas e customizadas, a Digisystem presta suporte às empresas do setor de saúde para que possam aproveitar os recursos do Tasy e dar mais eficiência às atividades administrativas, financeiras, assistenciais e operacionais, apoiando desde a implementação até o suporte técnico completo da tecnologia, passando pelo treinamento das equipes médicas.

Implantação faseada

Assim como nenhuma empresa têm as mesmas necessidades em termos de tecnologia, no setor de saúde, cada instituição tem seus processos, que precisam ser adaptados quando existe a necessidade de implementar uma solução de saúde como o Tasy.

Ciente deste cenário, a Digisystem, antes de qualquer passo na implementação do projeto, levanta uma série de informações sobre como é a chegada de todos os insumos na organização, o fluxo até o usuário final, funcionários e pacientes, incluindo a identificação de eventuais melhorias nos processos organizacionais.

De acordo com Eli Barranco, diretor comercial da Digisystem, a implantação do projeto leva de seis a oito meses, e é realizada de forma faseada, seguindo um cronograma de entrega, com quantidade de horas e KPIs definidos, indicando quais processos estão ocorrendo de forma bem-sucedida e quais são os objetivos ainda pendentes.

Recursos e suporte

Além da implantação nos hospitais, clínicas e operadoras de saúde, a Digisystem oferece suporte dedicado ao ambiente tecnológico do cliente, seja em um servidor local ou em cloud.

“Hoje 80% dos clientes atendidos contam com armazenamento de dados locais, enquanto 20% estão em cloud. Tudo indica que esses números vão se inverter em pouco tempo, pois há uma demanda grande de migração para a nuvem no setor de saúde”, afirma Barranco.

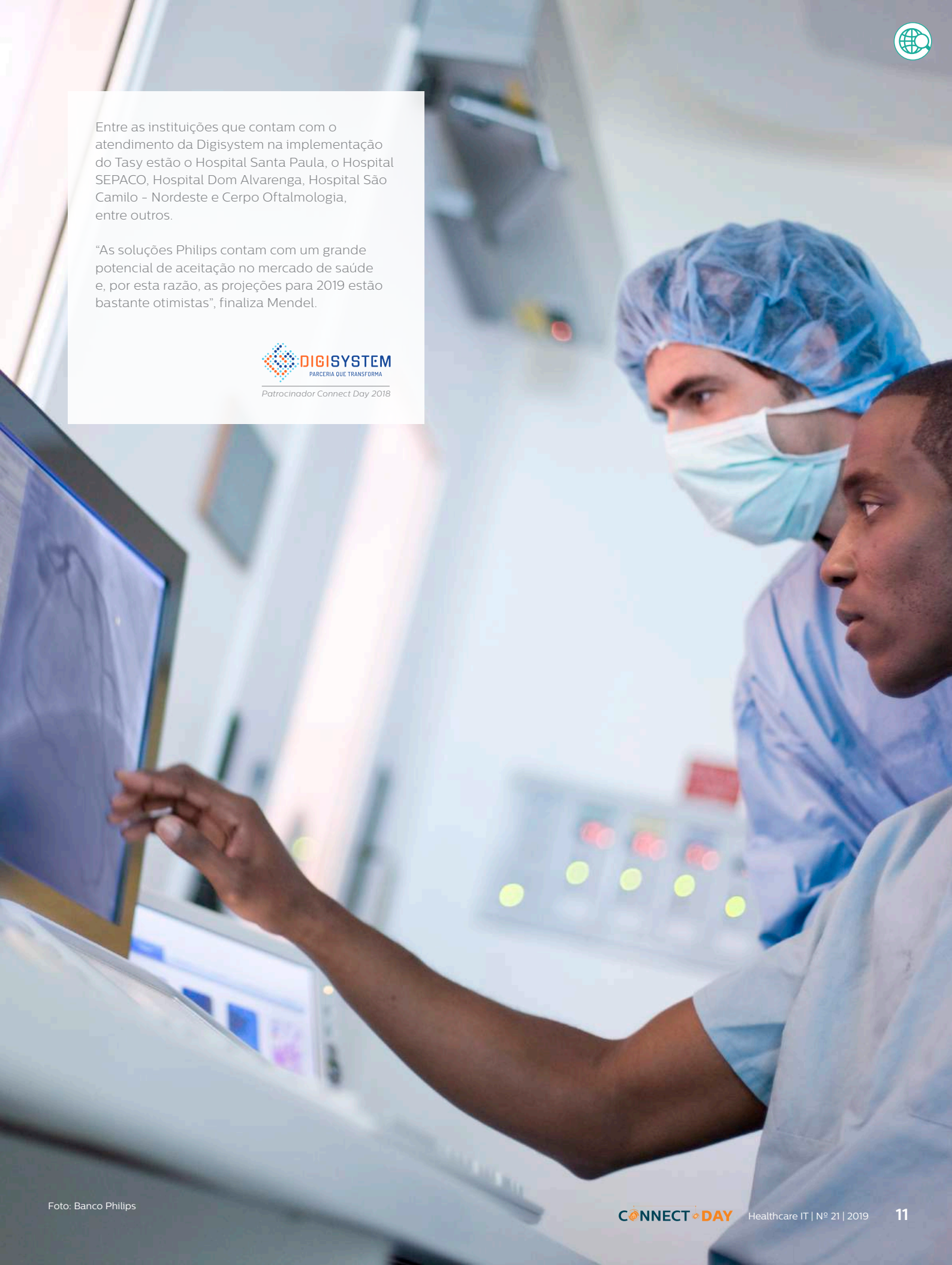
Parceria Philips

Com atendimento nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Ceará, Amazonas, Piauí, Maranhão, sul de Minas Gerais e Triângulo Mineiro, os resultados de 2018 apresentaram um crescimento de 70% no volume de vendas em relação ao ano anterior, segundo Mendel Sanger, diretor-executivo da Digisystem.



Entre as instituições que contam com o atendimento da Digisystem na implementação do Tasy estão o Hospital Santa Paula, o Hospital SEPACO, Hospital Dom Alvarenga, Hospital São Camilo - Nordeste e Cerpo Oftalmologia, entre outros.

“As soluções Philips contam com um grande potencial de aceitação no mercado de saúde e, por esta razão, as projeções para 2019 estão bastante otimistas”, finaliza Mendel.





Inteligência Artificial

Alia dados científicos e evidências colhidas na prática para criar o futuro da saúde

Texto: Tim Morris, Diretor de Produtos e Parcerias Elsevier

Vivemos a era da inteligência artificial (IA). Esta tecnologia está modificando a maneira como trabalhamos, brincamos e vivemos – e continuaremos a fazê-lo, conforme a sociedade avança. O setor da saúde não está por fora deste fenômeno: do reconhecimento de imagem e da tradução automática à realização de diagnósticos clínicos, os benefícios da IA são amplos. E tudo começa com a coleta do grande volume de dados que este mercado gera.

Chegamos então ao big data, ou seja: uma ampla coleção de dados brutos, com muita informação, prontos para serem desbravados! Porém, quando essa massa é transformada em conhecimento por meio de machine learning e outras tecnologias de IA, temos novas fontes de evidências, que podem oferecer informações valiosas aos profissionais de saúde, ajudando na tomada de decisões embasadas em evidência para melhorar os resultados.

Hoje em dia, as plataformas de apoio à decisão ajudam médicos e enfermeiros a deliberarem com base nas informações médicas mais recentes, provenientes de pesquisas científicas e até mesmo baseadas em evidências. Quando olhamos para esses ensaios clínicos, publicações em periódicos e diretrizes de cuidados, percebemos que leva muito tempo para tudo isso chegar ao profissional de saúde ou paciente. Em média, são necessários 17 anos para que apenas 14% das novas descobertas científicas encontrem seu caminho até a prática diária.

Ao mesmo tempo, a maioria dos dados de saúde que coletamos é desestruturada, exigindo um trabalho extenso para organizar, codificar e identificar antes de qualquer análise. Além disso, os dados são provenientes de várias fontes, estão em vários formatos diferentes e em um volume cada vez maior. De acordo com a IBM, entre registros eletrônicos de saúde (EHRs), diagnósticos digitalizados e dispositivos médicos usáveis, um paciente vai gerar mais de um milhão de gigabytes de dados relacionados à saúde durante a vida, dobrando a quantidade de dados médicos existentes de dois a cinco anos.

Como então podemos preparar esses dados para esta era da inteligência artificial, para atingirmos todo o seu potencial de valor?

Foto: Banco Philips



Aproveitando todos os benefícios da IA e da machine learning, os cientistas e pesquisadores podem analisar as informações existentes dos pacientes para extrair novas descobertas, com hipóteses muitas vezes não abordadas em pesquisas científicas anteriores.

Por intermédio desta análise, os dados do mundo real se transformam em evidências do mundo real - em outras palavras: dados brutos, não estruturados e anteriormente inutilizáveis tornam-se conhecimento acionável em tempo real, acelerando o caminho da evidência para a prática.

As tomadas de decisões clínicas são feitas com base em evidências reais por intermédio do uso de IA. Se bem tratada, a Inteligência Artificial tem o potencial de reduzir o tempo que as novas descobertas levam para encontrar um caminho para a prática.

Por exemplo, na Alemanha, a Elsevier fechou uma parceria com um prestador de serviços de saúde para avaliar seis milhões de conjuntos de dados de pacientes anônimos, juntamente a dados de 25 milhões de publicações médicas.

No entanto, os dados de evidências do mundo real por si só não são suficientes. Combinando dados gerados por pacientes com evidências acadêmicas, os profissionais de saúde são capazes de criar opções de tratamento personalizadas.

Nesse contexto é que os protocolos clínicos crescem de importância dentro dos prontuários eletrônicos. Atualmente, no Brasil, os gestores já estão sensibilizados para a importância da adoção dos processos e já perceberam também que, além da produtividade, a redução de ocorrências indesejadas ou não planejadas gera economia de custos. O grande desafio é escolher onde aplicar a tecnologia para que esses ganhos sejam exponenciais tanto na qualidade do atendimento ao paciente e segurança do mesmo quanto em recursos.

Investir na coleta, padronização e estruturação de dados, aliada ou não a IA, certamente é um caminho seguro para obter ganhos nas duas frentes, garantir as melhores práticas de cuidado possível ao mesmo tempo que tornam as empresas do setor mais eficientes.



ELSEVIER

Patrocinador oficial do Connect Day 2018



LGPD

(Lei Geral de Proteção de Dados)

Compromisso em proteger a privacidade dos consumidores, clientes e pacientes

Texto: Marcelo Giusti Tiziano, Gerente de Marketing E-VAL, Murilo Rivau Fernandes, Gerente Comercial E-VAL e Julio Cesar dos Santos, Diretor Operacional E-VAL

A recente Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), após a aprovação e sanção presidencial da PLC 53/2018, em agosto de 2018 representa um avanço regulatório para o Brasil, colocando o país no mesmo patamar de vanguarda que outros países da Europa e América Latina. No entanto, muita coisa precisa ser definida até que as organizações possam de fato considerar este avanço de forma prática, no seu dia-a-dia. Mesmo assim, algumas medidas e ações podem e devem ser tomadas.

Pensando nisso, preparamos uma abordagem prática, embora não exaustiva, para iniciar as discussões a respeito deste assunto que deve ocupar as pautas da alta gestão nos próximos meses. Inicialmente, é importante compreender que o objetivo da lei não é impedir o uso de dados para oferecimento de novos serviços, pelo contrário, ela estimula que as organizações que coletam e processam dados o façam sem que os verdadeiros donos deste importante ativo, o dado, percam o controle sobre o propósito para o qual estão sendo utilizados. Desta forma, com o empoderamento da pessoa física neste processo, iremos ver surgir inúmeros novos serviços justamente como forma de oferecer aos

cidadãos benefícios em troca do compartilhamento de suas informações pessoais. Por este motivo é fundamental que as organizações passem a adotar medidas para adequação à legislação não por obrigação, o que já é o mínimo, mas como diferenciais competitivos.

A LGPD foi concebida com o objetivo de definir diretrizes quanto à privacidade de dados em todo o Brasil, visando proteger e dar aos brasileiros o direito à confidencialidade dos dados.

Um projeto importante, desde o marco regulatório da Internet, a LGPD impõe a todas as organizações que processam dados pessoais de residentes no Brasil. Ela define os procedimentos para a coleta de informações, o seu armazenamento, a sua segurança e como são tratados e utilizados.

De acordo com a LGPD, o processamento de dados só será permitido quando:





- For necessário o consentimento expresso do titular dos dados para o processamento de dados pessoais;
- For executar um contrato com o titular dos dados ou para tomar medidas para celebrar um contrato;
- For para o cumprimento de uma obrigação legal;
- For proteger os interesses vitais de um titular de dados ou de outra pessoa;
- Para desempenhar uma tarefa realizada no interesse público ou no exercício da autoridade oficial do controlador for necessário o processamento dos dados;
- For para os interesses legítimos do responsável pelo tratamento ou por um terceiro, exceto quando esses interesses forem sobrepostos pelos interesses, direitos ou liberdades do titular dos dados.

De acordo com os princípios estabelecidos, uma primeira abordagem é refletir sobre todos os dados que a organização coleta e o fluxo da informação dentro da empresa. Isso implica inclusive na avaliação sobre a necessidade de coleta de certos tipos de dados e a forma como são coletados, por isso é muito importante definir se a organização precisa mesmo daquele dado e o fluxo dele, afinal sempre nos perguntamos quando preenchemos formulários, por que precisam dessa informação?

Além de decidir qual dado deve ser coletado e, especialmente na área da saúde, onde muitos dados são considerados pessoais, ou seja, aqueles que possam identificar o indivíduo. De forma prática, todo tratamento com este tipo de dado deve ter atenção redobrada pois certamente terá peso muito maior no caso de alguma infração a ser avaliada pelo órgão regulador e fiscalizador. A consequência, seria a imposição de sanções já previstas na lei, como multa de 50 milhões de reais ou 2% do faturamento por infração. Um exemplo de uma possível

alteração na abordagem é avaliar o quão relevante é para uma organização de saúde saber a religião do indivíduo. As implicações práticas são conhecidas, mas a informação, além de sensível, é muito maior do que o propósito de sua coleta. Não seria o caso de rever a pergunta, por exemplo, aceita transfusão de sangue?

Salienta-se ainda que além de mapear os dados e o fluxo, algo importante que a lei traz é a necessidade de solicitar o consentimento para coleta do dado, onde será necessário o aval da pessoa deixando claro o propósito de sua coleta. Diante deste consentimento, será imprescindível a criação de ferramentas que armazenem tal informação de forma que a mesma possa ser auditada no futuro, caso o cidadão venha a questionar a empresa, alegando que não houve consentimento para coleta de tal dado. Portanto como garantir que o consentimento foi dado e possa ser auditado no futuro de forma segura?

E quando se fala em coleta do dado, há também a possibilidade de o cidadão solicitar a exclusão dos dados dele. A legislação também prevê que as organizações possam guardar informações para cumprimento de obrigação legal, pois se o cidadão pode solicitar a exclusão das suas informações, os hospitais precisam de mecanismos que os protejam de uma eventual reclamação para provar sua inocência. Portanto é mais um motivo para que se tenha uma aproximação da área jurídica do hospital para definição do que deverá ser apagado em caso de solicitação do paciente. E para completar ainda, há na lei que os dados podem ser tratados em caso de tutela da saúde, em procedimentos realizado por profissionais da saúde ou por entidades sanitárias.

Após a avaliação minuciosa sobre a coleta e processamento,

Foto: Banco Philips





Foto: Banco Philips

deve-se considerar um outro aspecto fundamental de segurança que é o acesso do dado. Algumas medidas básicas de controle de acesso e autenticação devem ser adotadas no sentido de não permitir que dados pessoais sejam expostos de forma indevida. Muitas medidas práticas podem ser adotadas e uma em especial é conscientizar que os profissionais de saúde não devem obter informações pessoais em seus dispositivos pessoais ou ainda

compartilhar sob risco de tais informações sensíveis serem expostas inadvertidamente. Sabemos que as vezes uma imagem recebida por aplicativo é uma prática comum, mas deve ser absolutamente desencorajada, até que algum procedimento de segurança possa ser adotado como forma de minimizar riscos. Será que algum profissional gostaria de sofrer alguma penalidade por possuir alguma imagem clínica em seu smart phone?



Outro ponto a ser avaliado é como estes dados, especialmente os dados sensíveis estão sendo armazenados e compartilhados. É muito comum, e em alguns casos obrigatório, o compartilhamento de dados na área da saúde. Por este motivo, verificar aspectos técnicos de segurança é uma boa prática que pode evitar, novamente, algum tipo de sanção. Pela natureza das informações de saúde, considere além dos serviços de segurança já oferecidos pelo sistema de registro eletrônico em saúde, alguma prática adicional, por exemplo, a criptografia. Mesmo que internamente já existam controles de acesso ao dado, a implementação de camadas adicionais é fortemente recomendada, ainda mais nos tempos de vazamentos de dados. São inúmeros os casos onde dados são vazados e infelizmente menos de 4% destes dados estavam criptografados.

Na prática os “dados em descanso”, que estão no sistema de arquivo, no banco de dados ou mesmo na aplicação, podem ser criptografados, sendo o ideal a criptografia na aplicação, por fornecer uma melhor segurança já que o dado será criptografado no momento que é capturado, isto é, antes mesmo de ser trafegado pela rede. Uma aplicação prática e viável quando se fala em criptografia de sistema de arquivo é criptografar a máquina virtual, seja ela na rede interna ou mesmo quando há máquinas virtuais na nuvem.

Adicionalmente é importante para evitar o vazamento de informações que os dados trafegados na rede interna do hospital, ou mesmo na internet, caso os tenha na nuvem, sejam criptografados para evitar seu vazamento quando os mesmos estiverem trafegando na rede.

Tudo isso vem para evitar que dados pessoais e dados sensíveis de pacientes vazem, ainda que a LGPD não aborde o vazamento de dados que não seja pessoal, nenhum hospital quer que vaze informações de pagamentos, dados financeiros, entre outros dados que são considerados sigilosos. Por isso a importância da criptografia, já que, se os dados estiverem criptografados, seu vazamento não terá nenhuma validade, o que traz uma tranquilidade para quem faz uso dessa tecnologia.

Sem dúvidas que a LGPD foi criada para proteger cada cidadão e o seu direito à confidencialidade dos seus dados, mais do que isso, a LGPD veio para garantir dois aspectos fundamentais quanto ao uso de informações em transações financeiras e na Internet:

- Obrigação por parte das organizações da notificação em caso de violação de acesso a dados;
- O direito de ser esquecido.

Essas consultas permitem, por exemplo, que os hospitais retenham certos dados se forem necessários para fins de conformidade e outras legislações. No entanto, na ausência de uma justificativa válida, o direito da pessoa de ser esquecida prevalece.

Esse será um grande desafio para os hospitais e outras organizações que possuem uma grande quantidade de dados armazenados e processados.

Uma outra dúvida que surge é que a LGPD define que a lei se aplica para operações de tratamento de dados realizados no Brasil ou no exterior, desde que a coleta de dados seja feita em território nacional.

Isso significa que, se uma organização do ramo financeiro ou até mesmo o Google coletar dados de um usuário por aqui, mas processá-los nos Estados Unidos, por exemplo, terá que seguir a LGPD.

De acordo com a nova legislação, a organização ainda pode transferir os dados para uma filial ou sede estrangeira, desde que o país de destino também tenha leis abrangentes de proteção de dados ou possa garantir mecanismos de tratamento equivalentes aos que são exigidos no Brasil.

É também necessária, a criação de um encarregado pelo tratamento de dados pessoais na organização, que o mercado já vem chamando de DPO (Data Protection Officer), que será responsável pela comunicação entre os donos dos dados e órgão reguladores. Ele deverá cuidar de todo o processo e definições internas para cumprimento da lei dentro da organização. Há ainda muita discussão sobre quem deve ocupar esse papel, uns sugerem que seja alguém com perfil de segurança da informação, outros dizem que é necessário que seja alguém com o perfil jurídico, entre outros perfis, mas isso ainda será matéria de discussão entre organização e órgãos reguladores durante este período de adaptação e entendimento da legislação.

Finalmente, como dissemos no início, não se trata de uma lista completa de ações, mas acreditamos ser uma boa forma de iniciar as discussões sobre o tema a criação de grupos de trabalho com equipes interdisciplinares, afinal este é um assunto amplo, que envolve diversas áreas de conhecimento, que demandarão, entendimento, definições, engajamento, adoção de processos e tecnologias que podem afetar toda organização.

A E-VAL Saúde (www.evalsaude.com.br) é uma empresa do grupo E-VAL, que atua no mercado segurança da informação, nas linhas de assinatura digital, autenticação e proteção de dados, com diferencial de ser uma empresa especializada nas necessidades do mercado de informática em saúde. Temos experiência na aplicação de tecnologias que permitem armazenar informações eletrônicas de saúde com validade jurídica e queremos contribuir com sua adoção nos processos de transformação digital. Fale com a gente!



Patrocinador oficial do Connect Day 2018



Armazenamento de

Ferramenta Certillion Cloud Saúde garante a segurança de dados na área da saúde

Texto: Vinícius Sousa, CEO da Soluti

A tecnologia vem transformando a realidade profissional em diversos setores, e a área da saúde certamente é uma das mais impactadas. Hoje, a medicina conta com inovações que revolucionaram completamente a condução dos tratamentos, as políticas preventivas, a interação entre médico e paciente e, sobretudo, a gestão da saúde propriamente dita. Ao mesmo tempo em que agregam valor e promovem uma série de benefícios a médicos e pacientes, tais como redução de erros e definição de diagnósticos mais assertivos, cabe destacar ainda uma questão essencial – a da segurança do tráfego de dados e informações no ambiente digital.

E o mecanismo seguro que garante autenticidade, confidencialidade e integridade a essas transações eletrônicas é a Certificação Digital – que nada mais é do que uma identidade virtual, capaz de tornar o ambiente eletrônico protegido. Com o mesmo valor jurídico de uma declaração ou assinatura feitos em papel, o Certificado Digital trata os documentos de forma eletrônica resistente a fraudes, ou seja, com o fator segurança em primeiro plano, já que o sistema é criptografado. Atualmente, o uso mais comum desta tecnologia entre médicos, hospitais e planos de saúde é via Prontuário Eletrônico do Paciente (PEP), sistema em que o histórico clínico do paciente

fica armazenado, cuja autenticidade e integridade são garantidos por meio da utilização de um Certificado Digital emitido no âmbito da Infraestrutura de Chaves Públicas Brasileira (ICP-Brasil) ou outro padrão legalmente aceito.

Seguro e confiável, o PEP oferece aos profissionais mais agilidade, na medida em que o prontuário do paciente pode ser acessado em qualquer computador ou dispositivo móvel. Ele pode ser usado na Troca de Informações na Saúde (TISS) e também na entrega da DMED (Declaração de Serviços Médicos e da Saúde) à Receita Federal pelos prestadores de serviços médicos e de saúde, operadora de plano privado de assistência à saúde. Para garantir a





Certificados Digitais

segurança dos dados dos pacientes, recentemente foi sancionada a Lei nº 13.787/2018, que dispõe sobre a digitalização e a utilização de sistemas informatizados para a guarda, o armazenamento e o manuseio de prontuário de paciente.

De acordo com a legislação, o processo de digitalização deverá ser realizado garantindo a proteção contra o acesso, o uso, a reprodução e o descarte não autorizados. A proposta também deixa claro que os prontuários eletrônicos estão submetidos à Lei Geral de Proteção dos Dados (Lei 13.709/18). Diante deste cenário, a Soluti criou o **Certillion Cloud Saúde**, uma plataforma segura, na medida em que o Hardware

Security Module (HSM) é homologado pelo Instituto Nacional de Tecnologia da Informação (ITI). A Solução é a primeira em nuvem com certificado digital A3 do mercado e foi totalmente desenvolvido em cima dos problemas apontados pelas instituições de saúde em relação ao uso do certificado digital para eliminação do prontuário físico, tais como vulnerabilidade na segurança; necessidade de se deslocar com a mídia (Token, Smartcard) para o trabalho, sob o risco de perda ou esquecimento em outro local; e validade curta do certificado digital – de apenas um ano no certificado tipo A1.

Devido aos benefícios que o Certificado Digital fornece ao mercado, seu

crescimento se dá não apenas na área da saúde, mas em diferentes segmentos. Prova disso é que entre setembro de 2017 e agosto de 2018, a Infraestrutura de Chaves Públicas Brasileira (ICP-Brasil) emitiu 4.154.250 de Certificados Digitais. O número é 21,8% maior que o registrado no mesmo período entre 2016 e 2017. Em 2018, a ICP-Brasil emitiu pela primeira vez mais de 4 milhões de certificados em um único ano e a estimativa é que o mercado brasileiro dobre de tamanho até 2020.



Patrocinador oficial do Connect Day 2018



Foto: Banco Philips



Hospital usa software de BI para fazer auditoria em gastos

WeKnow BI ajudou a identificar gargalos de custos, otimizar processos e melhorar gestão no Hospital Santa Catarina de Blumenau

Texto: weKnow BI



Foto: Banco Philips



Com uma equipe de 400 médicos e uma média de 650 cirurgias e 3,5 mil atendimentos por mês, o Hospital Santa Catarina de Blumenau em Santa Catarina, gera um grande volume de informações por dia. Até cerca de dois anos atrás, lidar com essa multiplicidade de dados de tantas fontes diferentes era um desafio. Desde 2017, no entanto, tornou-se uma oportunidade de crescimento, quando a instituição adotou o weKnow BI (www.weknowbi.com.br), ferramenta de business intelligence voltada para a área da saúde.

Integrado ao ERP utilizado no hospital, o software consolida todos os dados gerados pela instituição e os apresenta de forma organizada e de fácil compreensão. Além disso, é possível programar alertas para que determinadas tarefas sejam cumpridas de forma automática, como auditorias de gastos em setores específicos.

“Para citar um exemplo concreto, logo que começamos a trabalhar com o weKnow BI, criamos um processo para identificar automaticamente todos os itens que eram faturados de forma negativa na conta do Hospital, em virtude de erros ou problemas internos”, diz Volnei Willeman, supervisor de controladoria do HSC. “Em seis meses, isso nos permitiu recuperar R\$ 35 mil de planos e operadoras de saúde.”

“O usuário define as informações que necessita e elas são geradas de forma padronizada, em qualquer momento”, explica Volnei.

Segundo o executivo, entre os benefícios obtidos com acesso ao business intelligence estão: mais rapidez e segurança na análise de números referentes ao desempenho do Hospital, assim como uma eficiente fonte de insumos para o planejamento futuro. Da mesma forma, a auditoria de prontuários de atendimento, que antes era feita por amostragem, passou a ser integral, o que reduziu erros e permitiu à instituição melhorar seu desempenho junto à Organização Nacional de Acreditação (ONA).

Inteligência na gestão

Desenvolvido originalmente como funcionalidade extra de um ERP específico, a plataforma que se tornaria o **weKnow BI** chamou a atenção de outros players de mercado que trabalhavam com sistemas de gestão diferentes. A partir dessa demanda, a empresa lançou a ferramenta de maneira independente em 2016.

“Até então, as soluções de BI para este mercado vinham de fora do Brasil, eram muito caras, difíceis de usar e de implementação demorada”, explica Vilmar Burguesan, CEO da empresa. “Em contrapartida, nós reduzimos o tempo de implementação de meses para semanas, oferecemos a ferramenta em modelo de licença temporária, sem necessidade de compra, e criamos uma interface simples e intuitiva, fácil de utilizar”.

Além disso, uma série de indicadores prontos configurados a partir dos ERPs mais utilizados na área de saúde no país dão ainda mais agilidade ao uso da plataforma. Para Vilmar, a capacidade de análise e planejamento proporcionada por práticas eficientes de inteligência de negócios é

indispensável para o futuro do empreendedorismo. “Nesse sentido, a saúde costuma ser um pouco lenta. Nessa área os ERPs se popularizaram uma década depois do que o restante da indústria, no final dos anos 90. Agora é a hora do BI”, diz.

O weKnow BI pode ser conectado a qualquer tipo de ERP e já é utilizado por cerca de 100 hospitais, clínicas e operadoras de saúde de todas as regiões do Brasil, além de negócios de outros setores, como concessionárias de automóveis e universidades. A meta da empresa é expandir o número de clientes em 50% até o final de 2019.

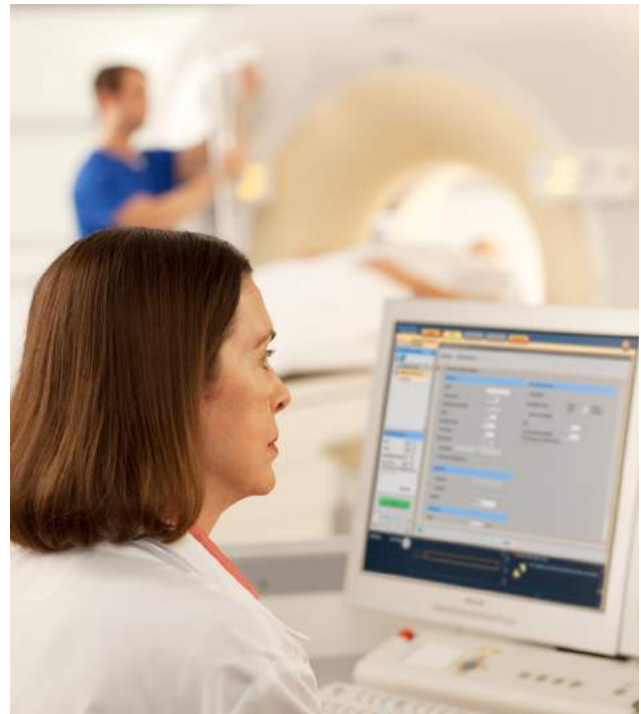


Foto: Banco Philips

Sobre o weKnow BI:

Empresa de business intelligence voltada para o mercado de saúde. Integrado a sistemas de ERP, a plataforma **weKnow BI** facilita a auditoria, cruzamento de dados e análise de todas as informações geradas pelo hospital, clínica, operadora de saúde ou negócios de diferentes áreas. www.weknowbi.com.br.

weKnow
Business Intelligence
Patrocinador oficial do Connect Day 2018

As informações sobre a sua saúde fora dos silos

Solution e

Connected Care

Melhorando a qualidade de vida de milhões de pessoas.

Texto: Philips

Foto: Banco Philips



Estamos terminando a primeira década do Século XXI. Ainda não temos carros voadores, não colonizamos outro planeta, nem temos robôs cozinhando para a gente, mas uma nova era de cuidados da saúde está emergindo, onde as pessoas cada vez mais tomam consciência de sua própria saúde, e a área da Saúde tenta se transformar e abraçar a tecnologia de maneiras novas e inovadoras para enfrentar novos (e antigos) desafios.

Várias tendências estão mudando fundamentalmente a maneira que Saúde e Tecnologia se relacionam, desafiando a forma como a Philips entrega valor aos nossos clientes, e aumentando a demanda por ofertas integradas:

- Restrições de recursos estão impulsionando a mudança na maneira que a Saúde funciona, e clientes e pacientes buscam um sistema que visa aumentar o acesso aos cuidados de saúde, que melhore os resultados de tratamento, a um custo menor;

- Populações envelhecidas e o aumento das doenças crônicas estão mudando o atendimento pontual para uma atenção integrada entre prevenção, tratamento e *home care*;
- O aumento do engajamento do paciente com sua própria saúde está criando oportunidades de se concentrar mais na vida saudável e na prevenção;
- A Digitalização, que vem se tornando a base para o desenvolvimento das nossas capacidades de soluções.

Essas tendências vêm moldando fundamentalmente a forma como atendemos nossos clientes (provedores de saúde, médicos, governos, seguradoras e consumidores), que procuram cada vez mais um **parceiro estratégico** que possa oferecer soluções em relação ao atendimento ao paciente, melhores resultados clínicos, e apoio em seus desafios de negócios com modelos financeiros inovadores, e não apenas vender produtos ou equipamentos pontualmente.



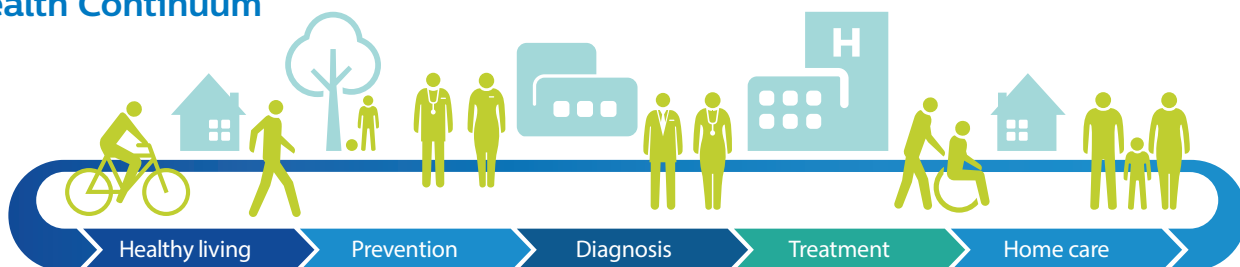
Para a Philips é muito importante estarmos perto de nossos clientes, e poder escutar o que realmente este necessita, para podermos inovar e melhor servir. Essa proximidade com o cliente nos ajuda a desenvolver melhor nossos produtos e entregar soluções que realmente atingem as expectativas.

Através de atividades como *workshops* e *co-creations*, conseguimos interagir melhor com os *stakeholders*, entender como a sua organização funciona e criar soluções *end-to-end* que possam atender às necessidades de curto, médio e longo prazo.

Tudo isso culminou na mudança de estratégia da Philips nos últimos anos, onde deixamos de focar em desenvolver produtos individualmente, passando à criação de soluções integradas – que são uma combinação de equipamentos, hardware, software e serviços – que, em conjunto, pretendem solucionar um problema ou atender uma demanda identificada nas conversas e interações com o cliente.

Nessa nova maneira de desenvolvimento, nos concentramos na Continuidade do Cuidado, o *Health Continuum*, porque acreditamos que é a única maneira de abordar o complexo desafio que enfrentamos na área da Saúde.

Health Continuum



O *Health Continuum* nos ajuda a adotar uma abordagem holística da saúde. Começamos ajudando as pessoas a viverem uma vida mais saudável, num ambiente mais saudável. Queremos ajudar as pessoas a pensar mais em prevenção, permitindo que gerenciem melhor a sua saúde. Investimos em tecnologia e inovação para que os pacientes possam ser diagnosticados com mais precisão e que os tratamentos sejam mais seguros e assertivos, e que tenham uma melhor recuperação ou um melhor cuidado de enfermidades crônicas em casa.

O intercâmbio e gestão de dados clínicos significativos como parte de um processo integrado em toda a continuidade do cuidado podem ajudar a facilitar o diagnóstico precoce, reduzir as readmissões, gerenciar melhor a saúde da população, e melhorar a eficiência operacional do atendimento ao paciente.

Modelagem preditiva e pesquisa de efetividade comparativa integrados com o atendimento diário ao paciente podem ajudar a gerenciar melhor pacientes antes que eles experimentem doenças críticas ou crônicas.

Monitoramento virtual e remoto do paciente em casa do paciente pode ajudar na recuperação e em intervenções para reduzir as readmissões. Ligar a comunidade e provedores rurais e especialistas pode ajudar a gerenciar melhor a saúde da população. Melhor coordenação de cuidados facilita o melhor resultado possível para o paciente mais rápido e mais eficientemente.

Connected Care – Tasy como plataforma principal

Para isso acontecer é muito importante a maneira como todos esses momentos da jornada de saúde se conectam, e como os dados gerados em cada momento são integrados e compartilhados. Para isso investimos no desenvolvimento de uma **plataforma de Informática em Saúde e Connected Care – através do Tasy como plataforma principal**, conectado à equipamentos e outros softwares, conseguimos criar um ambiente de integração para que nossos clientes sejam capazes de entregar um alto nível de cuidado, com fluxos de trabalhos personalizados e com todos os dados necessários para uma gestão de alto nível.

Nossas soluções permitem que diversos equipamentos no ambiente hospitalar, Philips ou de terceiros, se integrem diretamente ao Tasy, fazendo com que os dados dos pacientes possam ser compartilhados até mesmo antes do paciente chegar ao hospital, por exemplo com monitores disponíveis em ambulâncias que já começam a enviar informações coletadas por uma equipe de pronto atendimento, e que aceleram as decisões a serem tomadas no momento da entrada do paciente no hospital.

Imagens adquiridas através das diversas modalidades de imagens podem ser armazenadas e compartilhadas através da plataforma de software Philips IntelliSpace, que permite o acesso à essas imagens remotamente, dentro e fora do hospital, derrubando as barreiras físicas que separam o paciente do diagnóstico mais preciso e fornecendo ao médico, onde quer que ele esteja, ferramentas poderosas de suporte à tomada de decisão, tanto na visão clínica quanto na administrativa.



Através dessas integrações, o provedor de saúde pode se concentrar no paciente e em priorizar a atenção adequada à cada um deles, enquanto os departamentos e suas equipes médicas contam com ferramentas de monitoramento dos pacientes, visualização avançada de imagens, Inteligência Artificial e Machine Learning.

Interoperabilidade e a jornada de cuidado ao paciente

A interoperabilidade de dados de saúde é tema importantíssimo e hoje pode ser alcançada devido aos padrões estabelecidos pela indústria como o CID 9 e 10 para a classificação das enfermidades, DICOM para imagens, SNOMED CT para terminologia clínica, HL7 e FHIR para a troca de mensagens entre sistemas e o IHE – Integrating the Healthcare Experience – despontando como um *framework* capaz de resolver as dificuldades de interoperabilidade entre sistemas heterogêneos, ajudando a solucionar as ambiguidades e conflitos de interpretação. Criando domínios que possibilitam a **persistência dos dados** do paciente em toda a continuidade do cuidado. A Philips é extremamente participante nessa discussão, e hoje desenvolve seus sistemas de hardware e software em plataformas abertas e 100% compatíveis com esses padrões internacionais estabelecidos.

Alguns exemplos de como essas integrações podem ajudar na atenção de um paciente cardíaco em sua jornada de cuidado:

Um paciente com uma possível condição cardíaca está sob avaliação na sala de tratamento de uma emergência, onde um dispositivo é usado para monitorar seus sinais vitais. Ele monitora dados fisiológicos continuamente, transmitindo informações como eletrocardiogramas, tendências,

alarmes e outros dados diretamente para o Prontuário Eletrônico, ajudando a encurtar o tempo de decisão do corpo clínico, aumentando a produtividade e minimizando erros de transcrição. Os sinais vitais do paciente indicam a necessidade do médico para pedir um tratamento cardíaco imediato. O paciente então se move para o departamento de imagens.

A equipe do departamento de imagens processa a ordem do médico e as informações provenientes da Emergência em conformidade com o fluxo de trabalho determinado no sistema para preenchimento de pedidos. Sistemas que suportam esse fluxo de trabalho reduzem a entrada manual de dados para uma única incidência, o que reduz erros e economiza tempo, identificando-os e corrigindo-os. Também facilita a correta identificação do estudo e seu status pode ser rastreado com precisão em todo o departamento, ajudando a minimizar os estudos “perdidos”. O paciente é submetido ao exame e as imagens são capturadas e armazenadas. Com base nos perfis de integração IHE XDS.b e XDS-I.b, o relatório de radiologia e as imagens são disponibilizadas de maneira consistente para os médicos da Emergência e da UTI, bem como ao cardiologista que trata o paciente. Depois de avaliado pela equipe médica presente e corroborado pelo chefe do departamento – que não está fisicamente na unidade mas pode acessar todos os dados remotamente diretamente pelo seu computador pessoal ou smartphone, o paciente é referenciado e passa para a Unidade de Terapia Intensiva para tratamento.

Na UTI, os médicos são capazes de visualizar todas as imagens e documentação imediatamente pelo Prontuário Eletrônico. O paciente pode ser colocado em uma bomba



Foto: Banco Philips

de infusão, recebendo a medicação necessária para tratar sua condição cardíaca. Ele é monitorado por um dispositivo de cabeceira compatível com o perfil de integração DEC. O monitor pode ser integrado com um gerenciador de alarme que esteja em conformidade com a comunicação de alarmes do perfil de integração IHE Management (ACM), para comunicar alarmes a um dispositivo portátil, como um telefone celular. Isso fornece meios secundários para notificar o profissional apropriado sobre uma condição que requer intervenção humana imediata. Ele também automatiza o fluxo de trabalho manual de um processo de notificação. A condição do paciente se estabiliza, e o paciente então é enviado para a unidade de cirurgia geral para supervisão durante a sua recuperação.

O paciente segue tendo seus sinais vitais monitorados por um dispositivo médico que os exibe em um sistema de informação digital. Com o tempo, o paciente continua estável e é liberado com alta da instituição. Mais tarde, ele vê seu médico geral para uma visita de acompanhamento.

O hospital forneceu um sumário de alta, refletindo os cuidados prestados, e torna isso disponível no Prontuário Eletrônico do paciente de maneira consistente usando perfis de integração IHE para o compartilhamento de documentos. O paciente realiza um ECG em repouso. O eletrocardiógrafo gera ECGs e distribui para um sistema que ajuda na interpretação dos resultados, cruzando com os dados clínicos disponíveis no Prontuário. Os resultados do ECG mostram que o paciente está respondendo bem ao tratamento. O paciente vai para casa até sua próxima visita de acompanhamento e pode atualizar suas informações via o Portal do Paciente disponível, transmitindo dados coletados através de equipamentos em sua casa e

permitindo uma assistência e acompanhamento remoto desse paciente, economizando tempo e recursos e diminuindo a quantidade de visitas desnecessárias a um hospital.

Esse exemplo de uma jornada de cuidado mostra a complexidade da integração de todos os sistemas envolvidos, e essa é a razão fundamental da Philips se posicionar como uma empresa de Soluções. Se não olharmos para todos os aspectos, não sentarmos juntos com nossos clientes para discutir em detalhes quais são seus desafios nesses ambientes, não conseguimos atender às expectativas e demandas que uma instituição de Saúde tem nos dias atuais. Esse processo afeta diretamente a maneira que desenvolvemos nossos produtos, mudando como as nossas equipes se inter-relacionam. Falamos muito sobre a maneira que os dados hoje estão em silos, e que a interoperabilidade, integração de softwares e equipamentos, e uma plataforma de Prontuário Eletrônico finalmente faz com que esses dados saiam desses silos, e é exatamente a mesma mudança interna que estamos passando – os produtos passam a sair de seus silos e são desenvolvidos de uma forma integrada e coerente, entregando ao cliente uma plataforma completa de continuidade do cuidado e *future proof*, usando padrões estabelecidos mundialmente e em plataforma aberta.

Espero que esse artigo possa demonstrar um pouco do cuidado que a Philips tem em entregar realmente o que nossos clientes necessitam, e passando a ser um parceiro estratégico de longo prazo, e avançar com o objetivo final de impactar positivamente a vida de 3 bilhões de pessoas até 2025.



A voz das mulheres na área da Tecnologia

Texto: Bianca Ewald

Foto: Divulgação



Bianca Ewald
Estagiária Philips

As mulheres vêm conquistando postos importantes na nossa sociedade antes considerados exclusivamente masculinos. Deixaram de apenas lidar com a casa e filhos para liderarem empresas e governos. Apesar do número de representantes femininas nesses cargos ainda ser pequeno, cerca de 16%, ele é expressivo e crescente. Um dos motivos de que esse percentual vem crescendo é o rápido avanço da tecnologia e a origem de novos segmentos, viabilizando uma maior procura por esse mercado emergente.

Você sabia que as mulheres foram as pioneiras na área da Tecnologia da Informação? Nomes como Ada Lovelace, Grace Hopper e Hedy Lamarr foram importantes personalidades que dedicaram a vida para essa área com tão poucos representantes do sexo feminino.

Ada Lovelace é considerada a “Mãe da Programação” por ter escrito o primeiro algoritmo processado por uma máquina. Grace Hopper foi quem programou o primeiro computador digital de larga escala e criou o primeiro compilador. Já Hedy Lamarr é considerada a inventora da linguagem de programação Flow-Matic, base da linguagem COBOL, e foi quem deu origem ao salto de frequência, utilizado, por exemplo, no Wi-Fi.

Nos primórdios, a tecnologia era atrelada às mulheres, porém esse número foi caindo ao longo dos anos devido a diversos motivos, dentre eles as questões culturais e estereótipos que relacionam a mulher como sendo “do lar”. Outros fatores como desigualdades salariais, discriminação de gênero, subjugação no meio acadêmico e o árduo avanço da carreira também contribuíram para o difícil crescimento da quantidade de mulheres na área.

O contraste cultural, entre países, é um aspecto que pode impor barreiras no desenvolvimento da carreira de uma mulher. O relatório do Banco Mundial “Mulheres, Empresas e Direitos 2018” apresenta o número de 104 países que ainda impedem as mulheres de realizarem determinadas atividades simplesmente por serem do sexo feminino. Entretanto esse é um pensamento que está sendo transformado no decorrer dos anos.

De acordo com estudos da ONU de 2018, as mulheres representam cerca de apenas 25% em todo o cenário do mercado tecnológico. Conforme a Unesco, no Brasil cerca de 60% das mulheres são graduadas em algum ensino superior, dessas, 36% fazem algum ensino superior em Tecnologia, 25% entram nesse mercado e 9% chegam ao nível de gestão na área. Na Philips EMR os números se alteram: as mulheres representam cerca de 28% do total de funcionários do site de Blumenau, das quais 12% trabalham diretamente com programação de software.

A diferença no total de homens e mulheres na Tecnologia pode, muitas vezes, desencorajar outras mulheres a iniciar ou seguir na área. A participação delas na Tecnologia promove a diversidade de ideias, discussões e resoluções de problemas, devido ao ponto de vista ímpar que apresentam. Consequentemente, passamos a pensar juntos sob perspectivas distintas.

Os números já foram mais baixos, mas atualmente as mulheres vêm lutando e ganhando espaço dentro do mercado da Tecnologia. Cada vez mais a formação deixa de ser relacionada ao sexo masculino e torna-se mais igualitária, afastando a era dos estereótipos e trazendo uma nova era de inclusão e diversidade no meio de trabalho.

Na Philips

A Philips comemorou mundialmente o dia internacional da mulher com vários eventos que promoveram a discussão sobre os temas inclusão e adversidade. Na unidade de Blumenau aconteceu um bate papo com algumas executivas da Philips e as clientes Nancy M. Abe – Diretora de Tecnologia de Informação – Grupo NotreDame Intermédica; Rosane Thieme – Coordenadora de Negócios – Hospital Dona Helena e Teresa Sacchetta – CIO Américas – UnitedHealth Group.

Com o tema **Life is better when #youareyou**, a Philips, que está sempre em busca de maneiras de tornar a

vida melhor – não apenas para seus clientes, mas também para todos os funcionários busca criar um ambiente em que todos reconheçam e adotem as diferenças e singularidades, ouçam e valorizem os pontos de vista uns dos outros. Cada indivíduo deve ser tratado de forma justa e respeitosa e ter acesso igual a oportunidades e recursos. Isso significa estar aberto e aceitar a diversidade de experiências, perspectivas e estilo de cada um de

nós. Ciente de que as melhores e mais inovadoras soluções são geradas através da colaboração entre pessoas que pensam diferentemente umas das outras, a Philips encoraja todas a serem elas mesmas. Uma cultura diversificada e inclusiva impulsiona o sucesso dos negócios e é um ótimo lugar para trabalhar.



Da direita para a esquerda: *Letícia Baltazar, Rosane Thieme, Ana Cristina Gozdziewski, Juliana Passos, Teresa Sacchetta e Nancy M. Abe.*

“Para todas as mulheres que estão no setor de tecnologia, esse ainda é um mundo masculino e vocês já são vencedoras por estarem nele. Vivemos num mundo no qual se fala diferente e estamos brigando por nossos espaços. Não que hoje exista essa discriminação, mas temos uma briga constante de convencermos outra mulher a entrar nesse ramo, pois não é fácil. A tecnologia acaba exigindo da gente um tempo extra que, às vezes, não temos. É uma dedicação ao que você gosta, e quando você gosta do que faz, é algo muito legal.” **Nancy M. Abe**, Diretora de Tecnologia de Informação – Grupo NotreDame Intermédica.

“É um ambiente predominantemente masculino às vezes nos sentimos excluídas, mas não é intencional. É muito bacana promover ações de inclusão e diversidade que trazem diferentes públicos, pois a construção desse ambiente precisa ser feita em conjunto. O homem e a mulher são diferentes sim, mas é isso e todas as outras diferenças que trazem a diversidade, a riqueza e a discussão.” **Teresa Sacchetta**, CIO Américas – UnitedHealth Group.

“Sempre busquei minha própria independência e quis ser dona do meu próprio nariz. Essa questão de não precisar decidir as coisas em conjunto tem um pouco de individualismo, mas sou muito feliz por isso e por poder compartilhar o que sei com as pessoas que estão ao meu redor.” **Rosane Thieme**, Coordenadora de Negócios – Hospital Dona Helena.



Temos apenas uma hora para intervir e salvar uma vida. **Seu hospital está preparado?**

Protocolo de detecção precoce de Sepsis para pacientes adultos

Texto: Mariane Mayer, Enfermeira e Analista de Negócios Philips

Foto: Divulgação



Mariane Mayer
Enfermeira e Analista de Negócios Philips

A primeira versão do protocolo de detecção precoce de Sepsis no Tasy foi disponibilizada em 2014, seguindo interpretação das referências Instituto Latino Americano de Sepsis (ILAS) e Surviving Sepsis Campaign (SSC), indicada para pacientes adultos, parcialmente configurável pelo cliente. Em 2016, uma nova versão do protocolo foi lançada pelo ILAS, seguida de uma revisão em 2017 e outra revisão atualizada ao final de 2018. A nova versão do Protocolo de detecção precoce de Sepsis foi desenvolvida no Tasy seguindo a interpretação das publicações ILAS e disponibilizada na plataforma Java, permitindo aos clientes a utilização imediata após contato com pós-vendas da Philips.

Definição de Sepsis

Conforme ILAS 2018, a Sepsis pode ser definida como a presença de disfunção orgânica ameaçadora a vida em decorrência da resposta desregulada do organismo a presença de infecção, seja ela causada por bactérias, vírus, fungos ou protozoários. Manifestando-se em diferentes estágios clínicos de um mesmo processo fisiopatológico, ela é, para o médico de praticamente todas as especialidades, um desafio, pela necessidade de pronto reconhecimento e tratamento precoce.

Protocolo no Tasy

O Protocolo de detecção precoce de Sepsis no Tasy facilita a identificação precoce de sinais e sintomas sugestivos de Sepsis em pacientes adultos, alertando os profissionais responsáveis para que possam atuar o mais brevemente possível na análise, na confirmação diagnóstica, na definição do tratamento e cuidados prestados ao paciente. Desta forma o sistema é capaz de identificar, facilitar e apoiar a decisão clínica.

O Protocolo de detecção precoce de Sepsis pode ser utilizado em todos os setores do hospital, com indicação formal de uso nas unidades de emergência e também em unidades de internação, para que os pacientes com possível foco de infecção possam ser identificados o mais brevemente possível, já que não estão sob monitorização contínua.

Sepsis é considerada uma condição de emergência dentro das instituições de saúde, uma vez que se não identificada, diagnosticada e tratada à tempo pode evoluir para a morte.

A identificação precoce de uma suspeita permite que cuidados sejam implementados dentro das metas temporais estipuladas pelos protocolos conforme estudos clínicos, evitando a piora clínica do paciente em um percentual maior de casos. Atuando preventivamente no cuidado, permite-se evitar o agravamento do quadro clínico do paciente assim como viabilizar indicadores clínicos de qualidade para a instituição.

Por meio de configurações de deflagradores e status do processo, a instituição conta com um suporte à decisão clínica facilitando a identificação de uma possível Sepsis antes mesmo de ocorrer uma piora no quadro clínico do paciente, sugerindo o tratamento adequado conforme padronizado pela instituição.

O Protocolo de detecção precoce de Sepsis oferece autonomia para o profissional tomar a decisão baseada nas informações clínicas identificadas pelo sistema, por meio de etapas e status sequenciais do processo.

Por meio da liberação e disponibilização de dados clínicos, principalmente sinais vitais e resultados laboratoriais, o sistema colabora com a identificação ágil da combinação dos dados para alertar os profissionais responsáveis pelo paciente, antes mesmo de acessar estes dados clínicos no Prontuário do Paciente.

O sistema diferencia os critérios como Síndrome da resposta inflamatória sistêmica (SIRS) de Disfunção Orgânica (DO) direcionando para o status adequado. Os principais status finais do processo implementados e que permitem a vinculação de protocolos prescrição são definidos como Infecção sem disfunção, Sepsis e/ou Choque Séptico.

De acordo com ILAS, a implementação de protocolos clínicos gerenciados são ferramentas úteis no contexto de sepsis, uma vez que auxiliam as instituições na padronização do atendimento ao paciente séptico, permitindo a diminuição de desfechos negativos e proporcionando melhor efetividade do tratamento apoiado pela tomada de decisão clínica.



Levando em consideração que o tema “Sepse” é de grande relevância para as instituições, o Tasy preparou cadastros personalizáveis para endereçar a sepse de maneira mais eficaz, por meio de regras que possibilitam a definição de equipes e profissionais responsáveis, enviando alertas certos para as pessoas certas no momento certo.

Benefícios

- Padronização e automatização no processo de detecção e acompanhamento do protocolo de sepse, possibilitando a detecção precoce e garantindo o cumprimento das metas de cuidado;
- Padronização de condutas clínicas conforme responsabilidades;
- Atuação conforme o protocolo da SSC em menos de uma hora após a detecção;
- Configuração de deflagradores pelo cliente;
- Configuração de regras de status baseado na padronização da instituição;
- Inclusão do Suporte à Decisão Clínica durante o processo;
- Auxílio na redução das taxas de morbidade e mortalidade, assim como na redução de custos com tratamento;

Homologação

Entregar soluções não é suficiente se não há clientes que queiram utilizar e se beneficiar, por isso a Philips contou com o apoio do Hospital BP – A Beneficência Portuguesa de São Paulo para realizar a implementação e homologação do Protocolo de detecção precoce de Sepse.

A sepse é uma condição de extrema gravidade, atingindo 55,4% de mortalidade em nosso meio, segundo estudo do Instituto Latino Americano de Sepse (Ilas).

Diante dessa realidade, é importante a adoção de ferramentas que auxiliem os profissionais de saúde na condução de todo o processo do paciente com suspeita de sepse, desde o diagnóstico até a escolha e utilização racional dos antimicrobianos.

Na BP – A Beneficência Portuguesa de São Paulo, há aproximadamente um ano a tecnologia tem sido uma grande aliada na busca de melhores resultados, auxiliando o médico na tomada de decisão por meio de sistemas de alerta que levam em consideração critérios de deterioração clínica e na utilização de ferramentas de apoio à decisão clínica.

Com isso, em 2018, **reduzimos em 10% a mortalidade dos pacientes sépticos**, além de garantir a facilidade da gestão de todo o processo que envolve o atendimento desse tipo de paciente, incluindo os tempos de coletas de culturas e administração do antibiótico.

Fomos a primeira instituição do estado de São Paulo a obter a Certificação por Distinção na Identificação e Tratamento da Sepse, concedida pelo Instituto Latino Americano de Sepse (Ilas) por meio do Instituto Qualisa de Gestão (IQG).

Viviane Cordeiro Veiga, coordenadora médica de UTI da BP – A Beneficência Portuguesa de São Paulo

Foto: Banco Philips





Participar da implantação do Protocolo de Sepsis da BP – A Beneficência Portuguesa de São Paulo foi muito gratificante, pois além da visão técnica do sistema, sou enfermeira e sabemos da importância de se obter um diagnóstico precoce.

Baseado nas recomendações do ILAS, o sistema foi configurado e parametrizado para que contribuísse de forma significativa com as equipes de saúde. A partir do conjunto das alterações dos sinais vitais e integração dos exames laboratoriais, o sistema gera um alerta para as equipes de enfermagem e médica, além de, após a confirmação da sepsis e por meio da ferramenta de Suporte à Decisão Clínica, apoiar também na prescrição sugerida pela instituição.

O envolvimento da equipe de TI em todo o processo de implantação, juntamente com o time multidisciplinar destacado pela instituição para compor esse projeto, foi de extrema importância para o alcance dos resultados positivos que podemos observar com a utilização do Protocolo de Sepsis no Tasy.

Thelma Santos Pereira Caricati - Coordenadora de Tecnologia da Informação da BP – A Beneficência Portuguesa de São Paulo



Implementar ferramentas de vigilância de condições clínicas e suporte à decisão estão entre as estratégias digitais da BP.

Tivemos a oportunidade de, junto à Philips, ajudarmos no aprimoramento do protocolo de sepsis, no qual nossa médica especialista, pôde discutir as recomendações do ILAS, avaliar a usabilidade do protocolo e opinar sobre a melhor estratégia de implantação. Um grupo multidisciplinar foi montado para a implementação, contando com médicos, farmacêuticos, enfermeiros e profissionais de TI e os resultados estão sendo bastante favoráveis, desde a melhora na adesão ao protocolo, até diminuição da taxa de mortalidade.

Esta parceria entre fornecedor e cliente garante ao produto maior aderência aos processos e, conseqüentemente, melhores resultados.

Lilian Quintal Hoffmann - Diretora Executiva de Tecnologia da Informação da BP – A Beneficência Portuguesa de São Paulo



Trabalhar em uma instituição de saúde que busca cumprir protocolos de segurança e qualidade de atendimento com foco na diminuição da morbi-mortalidade dos pacientes hoje em dia não é fácil. O protocolo de Sepsis é um exemplo. Entre dezenas de pacientes internados, centenas de profissionais e milhares de dados lançados para cada paciente temos menos de uma hora para analisar, decidir e aplicar as metas da SSC e salvar a vida dos pacientes.

Focando nisso nós aqui na Philips EMR seguimos a literatura mais atualizada para criar as ferramentas de suporte à decisão que vão apoiar os profissionais de saúde a garantir que o dado certo foi analisado no tempo certo e que as metas de cuidado definidas pela instituição cheguem a tempo em quem interessa: o paciente. Assim estamos todos os dias ajudando nossos colegas na linha de frente a salvar vidas.

**Dr. Paulo Eduardo Cicogna
Especialista Médico - Philips**



Participar da customização do protocolo de Sepsis junto a equipe interna e cliente, possibilitou agregar conhecimento clínico e de negócio sobre Sepsis, o que facilitou o desenvolvimento e a entrega do protocolo com qualidade e satisfação do cliente.

A estruturação arquitetada para a programação, facilitou a conectividade dos dados através da coleta de informações de todo o sistema, realização do processamento e a interpretação destes resultados, retornando ao cliente com qualidade.

**Tamires Schloegel Kistner
Desenvolvedora de Software - Philips**

Fontes:
Surviving Sepsis Campaign (SSC) 2012 e Instituto Latino Americano de Sepsis (ILAS); Implementação de protocolo gerenciado de sepsis: protocolo clínico. Atendimento ao paciente adulto com sepsis/choque séptico; 2018.
<http://www.ilas.org.br/> Acessado em 18 de Janeiro de 2019.

PHILIPS

Tasy Operadoras



Tasy para Operadoras de Planos de Saúde

Inovar é otimizar processos em benefício de pessoas.

Tasy para Operadoras de Planos de Saúde é mais que um sistema que otimiza processos operacionais, gerenciais e regulatórios da Saúde Complementar.

É uma solução completa, dedicada a promover a melhor experiência para as instituições, os profissionais de saúde, pacientes e seus familiares.

Amplamente integrado aos segmentos de medicina de grupo, autogestão e cooperativas médicas, Tasy Operadoras lidera a inovação na Saúde, com ferramentas que agilizam, simplificam, proporcionam confiabilidade e robustez, integrando todo o fluxo de informações em um único sistema, o que é fundamental para a gestão estratégica do negócio.

inovação ✨ você



Rua 2 de Setembro, 1944 - Bairro Itoupava Norte
Blumenau - SC - CEP 89052-004

